

Entre tôdas as suas aventuras marítimas, o autor considera esta a mais dramática

## "HOMEM AO MAR!"

Capitão George Grant

**C**OMO VIEMOS a saber algumas horas mais tarde, o rapaz caiu n'água pouco depois das sete da manhã. Ninguém o viu cair. Estava limpando um embornal e perdeu o equilíbrio. Quando bateu na água, lutou contra a agitação das ondas e a sucção junto ao casco do navio. Por uns centímetros não foi alcançando pela hélice. Quando a água revôlta serenou um pouco, êle

GEORGE GRANT nasceu perto de Glasgow, na Escócia, e começou a navegar aos 14 anos. Há 34 anos é capitão de navios da United Fruit Company e atualmente comanda o *S. S. Junior* — moderno vapor cargueiro refrigerado que liga regularmente Nova York a Seattle, na Costa do Pacífico, via Canal do Panamá. É autor de vários livros.

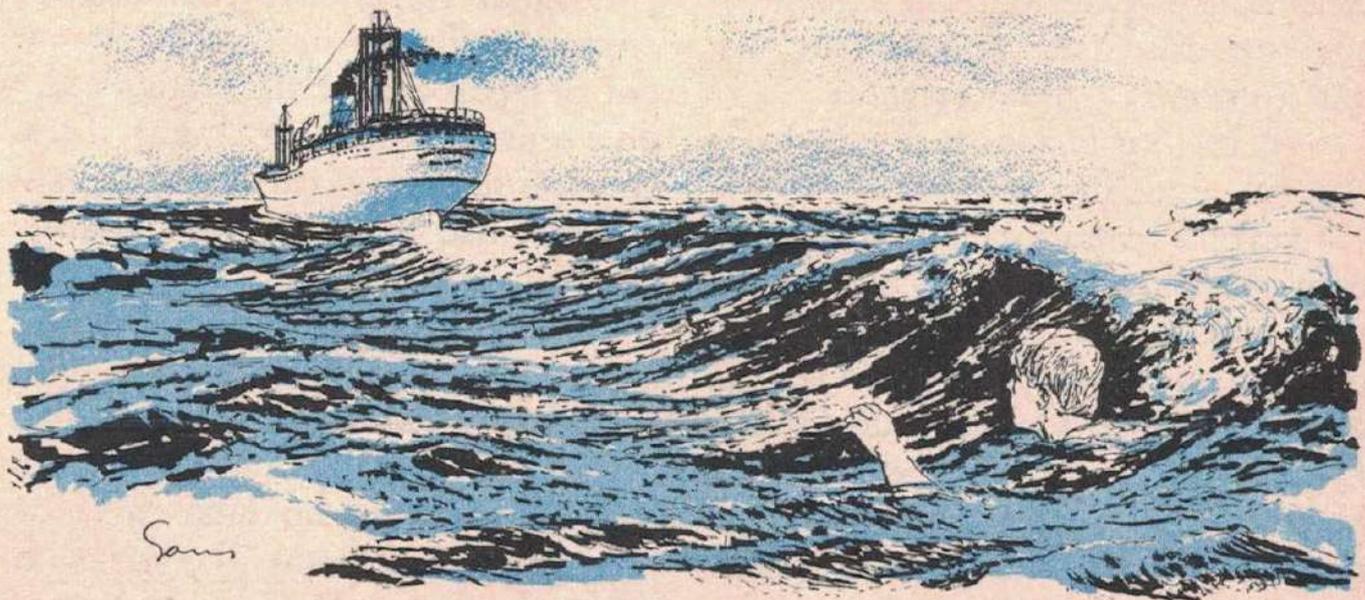
veio à tona e viu por cima o céu azul.

Por um instante experimentou uma sensação de alívio. O piloto devia tê-lo visto cair e logo o salvariam. Mas o navio continuava a tôda a velocidade e êle se debateu n'água em pânico, procurando alcançá-lo.

De repente lembrou-se de algo que o capitão lhe dissera um dia, após um exercício de salvamento:

—Se você alguma vez se encontrar em apuros, mantenha a calma. Se ficar aterrorizado, perderá a cabeça. Ficaré correndo em círculos, como uma galinha decapitada. Portanto, mantenha a calma e *pense!*

O rapaz serenou a batida de pés e mãos e pensou: eu não imaginava



que sabia nadar, mas não estou afundando. Estou *nadando!* Consegui desvencilhar-se das pesadas calças e botinas. Percebeu então que estava chapinhando como vira os cães fazerem na fazenda onde se criara.

Mas o navio continuava a afastar-se. Já mal conseguia ver-lhe a chaminé e os mastros e assim mesmo quando uma onda maior o suspendia. Olhou em tórno ansiosamente. Não sabia o que procurava. Não havia outra coisa para ver além da água turbulenta e o céu vazio. Uma onda quebrou no seu rosto, engasgando-o. O sal ardia-lhe nos olhos.

Os marinheiros tomavam a primeira refeição quando deram pela falta do rapaz.

—Onde está êle?

Outro observou:

—Engraçado, êle não fêz a chamada para o novo quarto. Acho melhor ir procurá-lo.

Procurou-o no castelo de proa, nos banheiros. Indagou dos homens que repousavam sob o tólido da pôpa. Seus passos se aceleravam à medida que sua ansiedade aumentava; sua voz tornou-se aguda, exigente.

—É melhor falar com o capitão—sugeriu alguém.

O capitão estava na ponte, falando com o terceiro pilôto. O navio seguia uma rota segura, 100 milhas a leste da costa da Flórida, e singrava a tóda a velocidade na Corrente do Gólfo. O capitão estava procurando recuperar o tempo perdido em determinar o curso. O marinheiro subiu correndo a escada, gritando:

—Comandante, o garôto! Não o achamos. Já olhamos em tóda a parte. Perdeu-se!—e fêz um gesto indicando o mar.

O capitão mandou chamar o primeiro pilôto no refeitório. O rapaz estivera de serviço no mesmo quarto que êle.

O pilôto recordava-se de que mandara o rapaz limpar os embornais. A que horas? Depois de ter levado café à ponte—por volta das 7 horas e 10.

O capitão consultou o relógio, 8 e 21. Uma hora e 11 minutos, 18 milhas de distância. Deu ordens rapidamente. As bombas jogaram no mar óleo combustível. O navio conservou-se no rumo alguns segundos, até o óleo definir bem a esteira. Isso feito, o vapor virou de bordo e, a tóda fôrça das máquinas, enveredou pelo caminho exato donde viera.

—Temos de voltar 20 milhas—disse o capitão.

—Uma hora e 20 minutos! Prestem atenção ao relógio!

O rapaz continuava chapinhando devagar, olhando na direção do vapor desaparecido. Estava fraquejando e sentia vontade de chorar. Teria chorado se diante dêle, em sua imaginação, não visse o capitão falando aos homens no convés:

—A vida do mar é dura. Súbitamente surgem emergências, em tempestades, nevoeiros, e não é possível correr à loja da esquina buscar um rôlo de barbante ou uma caixa de pregos para consertar as avarias. É preciso usar a cabeça. Lembrem-se

sempre de que a maioria dos homens se perde por perder a cabeça, mais do que por qualquer outra razão!

Estava muito bem o capitão dizer aquilo, meditou êle. Êle nunca caíra ao mar. Ou teria caído? Havia muito tempo que navegava; devia ter passado por tudo quanto podia acontecer a um homem. Procurou imaginar-se no lugar do capitão, e pôs-se a dizer as coisas que o capitão dissera, repetindo-as, como se se dirigisse a um grupo de homens que ali estivesse com êle na água. Então uma série de vagas o engolfou, quase o afogando, e êle se debateu num mar de espuma e mêdo.

O capitão não tinha esperança de encontrar o rapaz. Os ventos contrários e as correntes causam desvios, e uma cabeça é objeto minúsculo para se localizar numa ampla área de água revôlta. Os homens se amedrontam e se afogam tão fãcilmente. Que possibilidade tinha o rapaz, que nem ao menos sabia nadar, como lhe haviam dito?

O capitão olhou o relógio. Falta-vam alguns minutos.

—Diga a todos que estamos quase no lugar—ordenou ao terceiro pilôto.—Reduza a velocidade para devagar.

Olhava para um lado e para o outro, varrendo o mar com os olhos, parando, olhando de novo.

De repente, gritou:

—Parem as máquinas! Tôda fôrça à ré! Prontos para arriar o escaler!

Avistara a cabecinha, subindo, descendo, a menos de 100 metros de distância.

O rapaz viu o navio parar, viu o escaler aproximar-se dêle. No momento em que suas fôrças pareciam abandoná-lo, mãos fortes o seguraram. Içaram-no para o barco e envolveram-no em cobertores.

O rapaz fitou a fisionomia dos remadores. Um dêles gritou:

—Nadando! O mar é para os navios navegarem, não para se nadar!

Outro acrescentou:

—Você vai levar um sabão daqueles, menino! O Velho está furioso. Três horas de atraso e você resolve ir nadar!

Sabia que estavam brincando com êle. Queria fazer que sim, sorrir, dar-lhes a perceber que compreendia; mas a náusea o dominou e vomitou dolorosamente.

—Parem de tagarelar—disse o segundo pilôto.—Precisamos levá-lo para o navio. Depressa!

Metade desta história foi coligida mais tarde de informações do rapaz; a outra eu a soube desde o comêço, pois eu era o capitão.

Quando o navio voltou à sua rota, descí para ver o rapaz. Enrolado em cobertores, parecia ter menos que os seus 17 anos. Os olhos se lhe encheram de lágrimas e êle murmurou:

—Desculpe eu tê-lo atrasado, capitão.

Tranqüilizei-o da melhor maneira possível e mandei que descansasse.

No dia anterior à chegada, estava êle sentado num banco do lado de fora do depósito de tintas, lavando pincéis. Perguntei-lhe:

—Você não sabia nadar e ficou na

água mais de duas horas e meia. Como conseguiu boiar tanto tempo?

—Foi o senhor quem me ensinou.

—Eu?

—Sim, senhor. Disse-me que usasse a cabeça. O senhor diz isso a todo mundo. E eu sabia que o senhor voltaria.

—Como diabo você sabia disso?— indaguei?

Por uns momentos, êle ficou pen-

sando. Torceu o pincel nas mãos, fazendo correr água entre os pêlos. Olhou para mim e disse tranqüilamente:

—Porque o senhor é assim, capitão!

*Porque o senhor é assim!*

O rapaz não o soube, mas com suas palavras deu-me um prêmio maior do que qualquer presente de reis ou governos.

### *Erros de Cálculo*

QUANDO a CBS contratou Charles Collingwood para um trabalho de noticiário radiofônico, êle tinha 23 anos e era repórter da United Press em Londres. Achando que uma pessoa de 23 anos pareceria jovem demais para comentarista, um funcionário daquela cadeia de emissoras lhe recomendou que se desse como tendo 28 anos. Pouco depois, a mesma edição de um jornal de Washington que deu uma notícia sobre o correspondente de 28 anos publicou outra das bodas de prata de seus pais, na página social.

—Robert Sylvester, Chicago Tribune-New York News Syndicate

O DEPUTADO Page Belcher, de Oklahoma, conta o caso de um colega congressista que quis ajudar uma eleitora quando ela disse que o marido, então no Exército, estava fazendo uma falta desesperada em casa. O deputado abriu caminho através de uma montanha de burocracia e conseguiu que o homem voltasse à casa.

Sua recompensa: uma carta azêda do marido dizendo que tinha entrado para o Exército para se afastar da espôsa e que o deputado dali por diante não se metesse com a vida de ninguém. —AP

### *Você é assinante? Está de mudança?*

Você não há de querer ficar sem o seu exemplar de Seleções quando mudar de residência. Por isso pedimos o obséquio de nos informar, com a necessária antecedência, qual será o seu novo enderêço. Quando nos escrever, não esqueça de mandar-nos também o seu enderêço *antigo*—de preferência um recorte do enderêço numa das últimas cintas da revista. Providenciaremos para que não deixe de lhe chegar às mãos um só exemplar, desde que sejamos notificados, pelo menos com um mês de antecedência, da data de sua mudança. Escreva para: Seleções do Reader's Digest, Av. Presidente Vargas, 502, 19.º and., Rio de Janeiro.